

## **Mídias digitais, violência contra jornalistas e democracia: uma análise do período 2020-2023 em diálogo com Byung-Chul Han<sup>1</sup>**

Gabriel Razo da CUNHA<sup>2</sup>  
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### **RESUMO**

Este estudo inicial explora a intensificação dos ataques e assédios contra jornalistas no Brasil, especialmente por meio das mídias digitais, onde se manifestam formas de violência como ataques cibernéticos, ameaças, difamação e invasão de privacidade. Este trabalho trata de uma análise exploratória qualitativa, com abordagem teórico-epistemológica a partir de relatórios recentes, de 2020 a 2023, da ABRAJI, FENAJ, Voces Del Sur, Unesco e ICFJ, articulados com as reflexões filosóficas de Byung-Chul Han e outros estudos, com o objetivo analisar o fenômeno da violência digital contra esses profissionais como um novo paradigma e a sua relação com a crise democrática, principalmente em períodos de governos autoritários.

**PALAVRAS-CHAVE:** Violência Digital; Violência contra jornalistas; Democracia.

### **INTRODUÇÃO**

Os ataques e assédios contra jornalistas, apesar de históricos, têm ganhado uma nova dimensão com as mídias digitais, sendo o principal ambiente em que se expressa os ataques no Brasil (ABRAJI, 2021a). A violência digital contra esses profissionais assume várias formas, incluindo assédio cibernético, ameaças online, difamação, invasão de privacidade e disseminação de informações falsas. Estes ataques criam um ambiente hostil e deterioram a integridade e a segurança desse grupo, criando um ambiente de medo e intimidação.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP 11 - Comunicação, Mídia e Liberdade de Expressão do 24º Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação da Intercom.

<sup>2</sup> Mestrando da linha de pesquisa Comunicação: Interfaces e Institucionalidades do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, com orientação da Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Claudia Lago. É Licenciado em Educomunicação pela ECA/USP. Brasil. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. E-mail: gabrielrazo@usp.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2537966351637674>

---

Com uma abordagem teórico-epistemológica, o presente estudo recorrerá às reflexões filosóficas e críticas de Byung-Chul Han diante do cenário contemporâneo da comunicação com o objetivo de analisar a relação entre o novo paradigma da violência digital contra jornalistas e a crise da democracia, principalmente em períodos de governos autoritários. O trabalho compreenderá as discussões expressas em suas obras *Infocracia: Digitalização e a crise da democracia* (2022a), *A expulsão do outro: Sociedade, percepção e comunicação hoje* (2022b), *No enxame: Perspectivas do digital* (2018), *Sociedade do Cansaço* (2017).

Este trabalho trata de uma análise exploratória qualitativa onde analisaremos os dados apresentados em dois relatórios nacionais, da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI) e da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ). Utilizamos as publicações de 2020 a 2023, quando os relatórios incluem a análise da violência digital. Ainda, recorreremos ao relatório latinoamericano *Voces Del Sur* e o relatório internacional da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e Centro Internacional para Jornalistas (ICFJ). Para além dos números, analisaremos os relatórios e suas interpretações e contextualizações dos dados a partir dos conceitos presentes nas obras de Byung-Chul Han a fim de compreender o fenômeno da violência digital contra jornalistas e sua relação com a crise da democracia em períodos de governos autoritários.

### **Violência contra jornalistas no ambiente digital**

A violência contra jornalistas é um fenômeno histórico e que se manifesta de formas diversas, tanto nos ambientes online quanto fora deles. Com a forte presença nas redes sociais, as agressões contra jornalistas e outros profissionais da comunicação ganharam uma nova dimensão e têm sido muito comuns.

O relatório apresentado pela FENAJ (2021) demonstra que, em 2020, houveram 76 relatos de agressões verbais/ataques virtuais, seguidos de 58 em 2021, 46 em 2022 e 27 em 2023, revelando uma queda ano a ano. Ainda, desde 2020, classificam os cidadãos comuns em 3 categorias, sendo um deles internautas, que pessoas que cometem as agressões nas redes sociais, responsáveis por 21 agressões (4,91%) (FENAJ, 2021). Essas violências foram incentivadas principalmente pelo ex-presidente

Bolsonaro, evidenciando que o cenário político da época inflamou a violência contra esses profissionais, muitas vezes incitados por atores políticos (FENAJ, 2021). Em 2021, foram nove agressões nessa categoria, junto aos seis ataques de hackers somando 15 ocorrências (FENAJ, 2022), onde o número se repete em em 2022 (FENAJ, 2023); em 2023, nove ataques foram protagonizados pelos internautas e hackers (FENAJ, 2024). Este quadro já demonstra uma preocupação do relatório em distinguir os relatos presentes no digital em relação aos que aconteceram em outros ambientes.

O relatório “Violência online contra mulheres jornalistas: Um Quadro Mundial de Incidência e Impactos” da UNESCO (2020), mostrou que “Os impactos da violência online sobre a saúde mental foram a consequência mais frequente (26%); 12% das entrevistadas disseram que procuraram ajuda médica ou psicológica devido aos efeitos da violência online.” (p. 2). As redes sociais mostram um ambiente muito hostil às jornalistas mulheres em todo o mundo, sendo ambientes onde elas se sentem menos seguras e onde são mais atacadas, sendo o Facebook a plataforma menos segura para as mulheres, quando comparado ao Twitter (UNESCO, 2020). É sob este cenário que se instalam os desafios para o enfrentamento às violências contra jornalistas. Qualificar o ambiente se faz necessário para encontrarmos estratégias eficazes para combatê-las.

Já o relatório da ABRAJI (2022a) apresenta que, em 2021, dos 453 registros de ataques contra jornalistas, os Discursos Estigmatizantes são os mais recorrentes, com 338 casos registrados em 2021, também apresentando um aumento na série histórica.

Ainda, a pesquisa demonstra uma relação significativa da mídia digital nos ataques contra jornalistas, uma vez que “283 casos ocorreram na internet, em especial nas redes sociais, representando 62,5% do total.” (ABRAJI, 2022a, p. 15). Já com as mulheres e a população LGBTQIAPN+ que são alvos dos ataques, soma-se a violência de gênero, sendo o digital ainda o principal ambiente onde essas violências se expressam (ABRAJI, 2022b).

Em 2022, fim do ciclo de 4 anos de governo Bolsonaro, o número de agressores internautas/hackers manteve o mesmo do ano anterior, representando 15 agressões (FENAJ, 2023). Já o relatório 2022 da ABRAJI (2023) mostrou que a internet é um ambiente extremamente hostil para jornalistas, onde “63,4% dos ataques coletados ao longo do ano tiveram origem ou repercussão em ambientes on-line, com destaque negativo para as plataformas de redes sociais.” (p. 5). O ex-presidente Bolsonaro foi o

---

protagonista dos discursos estigmatizantes contra os profissionais do jornalismo, bem como os seus apoiadores, figuras públicas ou políticos que utilizaram especialmente as redes sociais para desacreditar e perseguir a imprensa (ABRAJI, 2023).

Em 2023, o relatório latinoamericano "Informe Sombra" mostrou que o Brasil é o segundo país com maior taxa de violência de gênero contra jornalistas, sendo a comunidade trans o principal alvo (*Voces Del Sur*, 2023). De forma mais atualizada, o relatório aponta uma diminuição nos ataques contra jornalistas, mas os números ainda são altos, somando-se 370 alertas de ataques, sendo que 161 são os discursos estigmatizantes (*Voces Del Sur*, 2023). A pesquisa utiliza os dados da ABRAJI, que, por sua vez, revela uma tradição dos discursos estigmatizantes serem a principal forma de ataque e aconteceram principalmente à internet (ABRAJI, 2023).

Portanto, os dados mostram que a internet, em especial as redes sociais, é um meio expressivo pelo qual essas violências se expressam. Mulheres e a comunidade LGBTQIAPN+ são especialmente vulnerabilizadas, enfrentando a violência digital articuladas com as violências baseadas em gênero.

### **Mulher e LGBTQIAPN+: categorias centrais de análise**

Fato é que as pesquisas analisadas neste trabalho evidenciaram um cenário ainda mais desafiador para as mulheres e população LGBTQIAPN+ que estão na prática profissional do jornalismo. Portanto, antes de seguirmos a discussão a respeito dos novos paradigmas da violência contra jornalistas, é necessário centralizar a investigação e um olhar mais atento para os marcadores sociais de gênero e orientações afetivo-sexuais.

Não podemos perder de vista que o Brasil é um país ainda muito inseguro e violento para as mulheres. Segundo a pesquisa "Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil" (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, DataFolha, 2023), a cada dia, aproximadamente 50 mil mulheres foram vítimas de algum tipo de violência em 2022.

---

No mundo todo, as mulheres jornalistas ainda ocupam poucos espaços na indústria jornalística, como aponta o Global Media Monitoring Project (GMMP, 2020)<sup>3</sup>

Todavia, o relatório GMMP, como outros estudos de nível global, mostram que elas estão sub-representadas em todos os níveis das organizações jornalísticas; enfrentam desafios maiores como jornalistas de opinião e na cobertura noticiosa tradicionalmente associada ao universo masculino (política, economia e esportes, por exemplo). (LAGO et. al. 2024, p. 6-7)

A situação para a população LGBTQIAPN+ é também de insegurança e violência. Segundo dados do Observatório 2023 de Mortes Violentas de LGBTQ+ no Brasil (Grupo Gay da Bahia, 2023), foram contabilizadas 257 mortes violentas de pessoas LGBTQIA+ em 2023, evidenciando o Brasil como o país mais homotransfóbico do mundo. A pesquisa destacou que travestis e transexuais ultrapassaram os gays em número de mortes violentas pela primeira vez.

A teórica indiana Gayatri Chakravorty Spivak, em *Pode o Subalterno Falar?* (2014), concluiu sua investigação afirmando que “O subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à "mulher" como um item respeitoso nas listas de prioridades globais.” (Spivak, 2014, p.165). A autora mostra que a mulher, enquanto sujeito subalterno, é oprimida duplamente: tanto pela violência epistêmica do imperialismo quanto pela própria construção de gênero onde se expressa e se mantém a dominação masculina.

Em sua obra *Testo Junkie*, Paul B. Preciado (2018), dialoga a respeito da relação entre as transformação do “sexo” e da “sexualidade” e a atividade política e econômica

As mudanças do capitalismo a que vamos testemunhar se caracterizarão não só pela transformação do "sexo", do "gênero", da "sexualidade", da "identidade sexual" e do "prazer" em objetos de gestão política da vida (como Foucault já havia intuído em sua descrição biopolítica dos novos sistemas de controle social), mas também pelo fato de que esta gestão em si mesma será levada adiante por meio das novas dinâmicas do tecnocapitalismo avançado, da mídia global e das biotecnologias. (2018, p. 27)

Preciado (2018) discute como as estruturas presentes do capitalismo, como a econômica, as mídias, a indústria farmacêutica, a ciência, por exemplo vão transformando as compreensões e as relações sexuais, de gênero, se sexualidade, de identidade sexual e do prazer. Tudo isso também deságua em uma série de violências e

---

<sup>3</sup> Global Media Monitoring Project (GMMP, 2020) é o maior e mais longo monitoramento da mídia. Desde 1995, é realizado a cada 5 anos e envolve mais de 100 países.

---

controle dos corpos, especialmente aqueles desviantes na norma estabelecida de gênero e orientações afetivos-sexuais.

Por isso tudo, para que possamos compreender o fenômeno da violência digital contra jornalistas em uma sociedade que se estrutura a partir do machismo e sexismo, os marcadores de gênero e afetivos-sexuais não são meros detalhes nas investigações

O apelo ao gênero e à sexualidade não é incidental: em sociedades com presença de valores conservadores, esse tipo de ataque é uma forma de minar a credibilidade do jornalismo profissional e de desviar a atenção do conteúdo da notícia. No lugar de discutir os fatos noticiados, discutem-se a legitimidade e a autoridade da jornalista para apurá-los e divulgá-los. Não é coincidência que os termos mais utilizados nos insultos às profissionais façam referência a aspectos de gênero – “vagabunda”, “puta”, “fofoqueira” – e a supostos vieses ideológicos das jornalistas – “militante”, “esquerdista” e “comunista”, entre outros. (ABRAJI, 2022b, p. 5)

Portanto, os novos paradigmas da violência digital contra jornalistas refletem a estrutura social que vulnerabiliza mulheres e a população LGBTQIAPN+, demonstrando que esses grupos estão sempre em constantes ataques e necessitam de maior atenção nas discussões teóricas e estratégias práticas para enfrentar esse desafio.

### **O ambiente digital e os novos paradigmas da violência contra jornalistas**

Como visto, as violências contra jornalistas têm sido recorrentes na internet, evidenciando uma nova preocupação para as organizações que monitoram e combatem esse fenômeno. Parece importante compreendê-lo em particular, uma vez que o ambiente digital tem sido preferido para a organização de grupos bolsonaristas que pretendem desacreditar e atacar o jornalismo.

Essas violências, demarcadas no ambiente digital, são protagonizadas por aqueles que produzem conteúdos não-jornalísticos ou radicais para contestar o jornalismo de mídias legítimas, direcionando ataques aos veículos e seus profissionais (Ramos & Saad, 2022).

O ambiente digital na sociedade neoliberal caracteriza um novo sentido para essa violência, estabelecendo novos paradigmas nas relações, onde só se permite o igual. Para Han (2017) “A violência não provém apenas da negatividade, mas também da positividade, não apenas do outro ou do estranho, mas também do igual.” (p. 15). Aqui, Han (2017) diagnostica uma sociedade onde a ordem do poder substitui o

---

paradigma da disciplina pelo paradigma desempenho, pois assim se acelera a produtividade. O que demarca a sociedade atual da informação é a falsa sensação de liberdade que se torna coação da produtividade (Han, 2022a).

Os estudos de Ramos (2023) sobre a violência e o campo da comunicação debate o conceito da “violência da positividade” em Byung-Chul Han, evidenciando que hoje vivemos em uma sociedade marcada pelos limites dos “espaços de negatividade”, onde qualquer emissão comunicativa encontra espaço, estabelecendo um entendimento errôneo entre liberdade de expressão e discurso de ódio. Mais do que isso, é neste ambiente que as informações carregadas de ódio alcançam grandes dimensões, uma vez que o discurso é movido pelas emoções. Ramos (2023), em diálogo com Han, questiona se mais ferramentas de comunicação nos ajudam a nos comunicar melhor ou se esse excesso informacional estabelece um menor potencial comunicativo, o que gera ainda mais violências.

Até aqui, nos é apresentado um diagnóstico importante: estamos em uma sociedade mediada pelo digital onde a violência se expressa ferozmente, uma vez que nos falta alteridade, onde o Outro, que é discordante do Eu deve ser eliminado. Todos estão autorizados, sob o regime da liberdade coercitiva, a expressarem seus pensamentos na internet. Neste cenário, jornalistas se estabelecem como o Outro de um governo violento que não debate ideias e precisa ser eliminado. Não há discurso em debate e, por sua vez, não há diálogo. Resta espaço apenas para “iguais outros ou outros iguais” (Han, 2022b, p. 16). Uma nova forma de violência contra jornalistas se manifesta. Os ataques cibernéticos, a privação de internet, o hackeamento de contas, os discursos estigmatizantes, o silenciamento desses e dessas profissionais entram em ação como uma nova forma de violência.

Ainda, é neste ambiente que se proliferam os perfis falsos, anônimos e desconhecidos, sendo os atores que mais executam os ataques nas redes sociais contra as jornalistas mulheres, somando 57% dos casos, incluindo os ataques orquestrados, como mostra o relatório da UNESCO (2020). Assim, o digital é terra fértil para o *Shitstorm*

O respeito está ligado aos nomes. Anonimidade e respeito se excluem mutuamente. A comunicação anônima que é fornecida pela mídia digital desconstrói enormemente o respeito. Ela é corresponsável pela cultura de indiscrição e de falta de respeito [que está] em disseminação. Também o *Shitstorm* é anônimo. É nisso que consiste a sua violência. (Han, 2018, p. 14).

Han (2018) define o *Shitstorm* como campanhas na internet, em grandes proporções, que difamam pessoas ou empresas, um genuíno fenômeno da comunicação digital. Ondas de violências online que são destinadas contra jornalistas e a mídia jornalística é um exemplo desse fenômeno, como os ataques orquestrados para difamar ou derrubar perfis desses profissionais. Han propõe uma redefinição de soberania a partir de Carl Schmitt reformulando a definição para “É soberano quem dispõe do *Shitstorm* na rede.” (Han, 2018, p. 20). O *Shitstorm*, constituído por enxames digitais, são efêmeros e voláteis, se formam rápido e se dissipam na mesma velocidade, pois lhes faltam uma decisão para uma ação comum, uma energia política, o que caracterizaria uma comunidade (Han, 2018).

Bolsonaro, como já identificado pelas pesquisas o protagonista de ataques contra jornalistas e seus seguidores como os principais autores dos ataques online contra esses profissionais, bem como o bolsonarismo, são quem dispõe do *Shitstorm*, são os soberanos. Claramente, Bolsonaro e o bolsonarismo não estão comprometidos com a esfera pública e com os cidadãos. É evidente em seus discursos o comprometimento apenas com aqueles que refletem o seu pensamento. Falas como “vai pra cuba”, “fuzilar a petralhada”, “As minorias têm que se curvar às majorias”, bem como a ameaça do fechamento do Congresso Nacional (um dos símbolos mais importantes da democracia), o flerte com a ditadura militar, as falas contra mulheres, LGBTQIAPN+, negros e indígenas, são representações do descomprometimento com a esfera pública, além das centenas de ataques contra o jornalismo, demonstra a crise política e da democracia em curso (Han, 2018).

Aqui, nos é apresentado mais um diagnóstico: as violências contra comunicadores, potencializadas no ambiente digital, é um sintoma da crise democrática e do desaparecimento da esfera pública, do debate democrático e do diálogo. O fenômeno do *Shitstorm* atinge a democracia como uma doença. Esse fenômeno é movido pela emoção exacerbada, e “Onde emoções e afetos dominam o discurso político, a própria democracia se vê em perigo.” (Han, 2022a, p. 87). Portanto, é possível estabelecer uma relação entre os ataques contra jornalistas e o jornalismo com a crise democrática, sendo o digital o espaço que possibilita o surgimento de novas violências e a inflamação de outras.

## Conclusões

O estudo inicial evidencia que a violência digital contra jornalistas no Brasil é um fenômeno crescente, intensificado pelo ambiente das redes sociais e marcado por um aumento relevante nos casos de assédio, ameaças e difamações online. A análise dos dados da ABRAJI, FENAJ, Voces Del Sur, UNESCO e ICFJ revela que esses ataques são sistemáticos e frequentemente impulsionados por discursos estigmatizantes, com uma prevalência significativa no meio digital.

As teorias de Byung-Chul Han permitiu compreender os novos paradigmas da violência no ambiente digital, caracterizados por uma violência do positivo que elimina toda a alteridade. Esses fatores criam um ambiente digital altamente hostil para jornalistas, onde a violência se manifesta não apenas de forma explícita, mas também através de mecanismos de silenciamento e marginalização. Jornalistas são o Outro do governo bolsonarista. Não é um ambiente de diálogo e discussão pública dos interesses sociais. É demarcada pela expulsão do Outro que não corrobora com as ideias, propiciando os *Shitstorms*, ou seja, ondas de indignação acrílicas e históricas. Este fenômeno aponta para a crise democrática em curso.

As mulheres e a comunidade LGBTQIAPN+ são especialmente vulnerabilizadas, enfrentando a violência digital em articulação com as violências baseadas em gênero. Portanto, é necessário um olhar mais atento para esses dois grupos sociais quando se trata das discussões das violências digitais contra jornalistas e as estratégias a serem traçadas precisam de maior atenção. Como já evidenciado por muitas pesquisas da área da comunicação, as estruturas do machismo e LGBTfobia se repetem também no ambiente digital. É necessário trazer a categoria “gênero” não apenas como uma temática nos trabalhos sobre as violências digitais contra jornalistas, mas sim como centrais nessas investigações.

Apresentados alguns sintomas, diagnósticos e prognósticos, quais outros são possíveis? Até aqui, identifica-se a necessidade desenvolver estratégias eficazes de proteção e suporte para jornalistas, que incluem a implementação de políticas de segurança digital, o fortalecimento das comunidades de apoio e a promoção de uma cultura da alteridade. É o excesso do “eu”, caracterizado pelas redes sociais digitais e

---

pelo neoliberalismo, que não suporta o Outro e não configura nenhum Nós. Criar caminhos comunitários para o enfrentamento dos desafios que se colocam no digital sinaliza uma possibilidade frutífera para ambientes mais seguros e dialógicos.

## REFERÊNCIAS

ABRAJI. **Monitoramento de ataques a jornalistas no Brasil**: Relatório 2023. ABRAJI, 2024. Disponível em [https://abraji-bucket-001.s3.sa-east-1.amazonaws.com/uploads/publication\\_info/details\\_file/2da5b679-2702-4121-bce1-cd23cb962f06/Relat%C3%B3rio\\_-\\_Ataques\\_contra\\_jonalistas\\_de\\_2023\\_FINAL\\_alta\\_resolu%C3%A7%C3%A3o.pdf](https://abraji-bucket-001.s3.sa-east-1.amazonaws.com/uploads/publication_info/details_file/2da5b679-2702-4121-bce1-cd23cb962f06/Relat%C3%B3rio_-_Ataques_contra_jonalistas_de_2023_FINAL_alta_resolu%C3%A7%C3%A3o.pdf). Acesso em 18 maio 2024.

ABRAJI. **Monitoramento de ataques a jornalistas no Brasil**: Relatório 2022. ABRAJI, 2023. Disponível em [https://abraji-bucket-001.s3.sa-east-1.amazonaws.com/uploads/publication\\_info/details\\_file/4d6cb1b2-ca1a-4d7b-9c7b-1edcea1bb294/ABRAJI\\_Monitoramento\\_de\\_ataques\\_a\\_jornalistas\\_no\\_Brasil\\_2022\\_\\_PT\\_.pdf](https://abraji-bucket-001.s3.sa-east-1.amazonaws.com/uploads/publication_info/details_file/4d6cb1b2-ca1a-4d7b-9c7b-1edcea1bb294/ABRAJI_Monitoramento_de_ataques_a_jornalistas_no_Brasil_2022__PT_.pdf). Acesso em 18 maio 2024.

ABRAJI. **Monitoramento de ataques a jornalistas no Brasil**: Relatório 2021. ABRAJI, 2022a. Disponível em [https://abraji-bucket-001.s3.sa-east-1.amazonaws.com/uploads/publication\\_info/details\\_file/e8854cf1-3ab3-46ea-8573-0137090e0a6f/Relato\\_rio\\_Monitoramento\\_de\\_ataques\\_a\\_Jornalistas\\_no\\_Brasil\\_02.05.2022.pdf](https://abraji-bucket-001.s3.sa-east-1.amazonaws.com/uploads/publication_info/details_file/e8854cf1-3ab3-46ea-8573-0137090e0a6f/Relato_rio_Monitoramento_de_ataques_a_Jornalistas_no_Brasil_02.05.2022.pdf)>. Acesso em 18 maio 2024.

ABRAJI. **Violência de Gênero contra jornalistas**. ABRAJI, 2022b. Disponível em [https://abraji-bucket-001.s3.sa-east-1.amazonaws.com/uploads/publication\\_info/details\\_file/fd562733-fde3-42d5-b763-0974253a3207/Relat\\_rio\\_Viol\\_ncia\\_de\\_g\\_nero\\_contra\\_jornalistas\\_PT.pdf](https://abraji-bucket-001.s3.sa-east-1.amazonaws.com/uploads/publication_info/details_file/fd562733-fde3-42d5-b763-0974253a3207/Relat_rio_Viol_ncia_de_g_nero_contra_jornalistas_PT.pdf). Acesso em 18 maio 2024.

FENAJ. **Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil**: Relatório 2023. FENAJ, 2024. Disponível em <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2024/01/Relato%CC%81rio-da-Viole%CC%82ncia-2023.pdf>. Acesso em 18 maio 2024.

FENAJ. **Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil**: Relatório 2022. FENAJ, 2023. Disponível em <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2023/01/FENAJ-Relat%C3%B3rio-2022.pdf>. Acesso em 18 maio 2024.

FENAJ. **Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil**: Relatório 2021. FENAJ, 2022. Disponível em <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2022/01/FENAJ-Relat%C3%B3rio-da-Viol%C3%Aancia-Contra-Jornalistas-e-Liberdade-de-Imprensa-2021-v2.pdf>. Acesso em 18 maio 2024.

FENAJ. **Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil**: Relatório 2020. FENAJ, 2021. Disponível em [https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2021/01/relatorio\\_fenaj\\_2020.pdf](https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2021/01/relatorio_fenaj_2020.pdf)>. Acesso em 18 maio 2024.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA & DATAFOLHA. **Visível e invisível: relatório 2023**. Brasília: Fórum Segurança, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/03/visiveleinvisivel-2023-relatorio.pdf>. Acesso em: 28 set. 2024.

GRUPO GAY DA BAHIA. **Observatório 2023 de mortes violentas de LGBT no Brasil**. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2023. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/wp-content/uploads/bsk-pdf-manager/2024/02/observatorio-2023-de-mortes-violentas-de-lgbt-1.pdf>. Acesso em: 28 set. 2024.

HAN, B.-C. **Infocracia**: Digitalização e crise da democracia. (G. S. Philipson. trad.) Petrópolis, RJ: Vozes, 2022a.

HAN, B.-C. **A Expulsão do Outro**: Sociedade, Percepção e Comunicação Hoje (L. Machado, trad.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2022b.

HAN, B.-C. **No enxame**: perspectivas do digital. (L. Machado, trad.) Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

HAN, B.-C. **Sociedade do cansaço**. (E. P. Giachini, trad.) Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

LAGO, C. et al. FZDZ Gênero na ECA: jornalismo nos estudos de gênero. In: ANAIS DO 21º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2023, Brasília. Anais eletrônicos. Campinas, Galoá, 2023. Disponível em: <https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2023/trabalhos/fzd-genero-na-eca-jornalismo-nos-estudos-de-genero?lang=pt-br>. Acesso em: 28 Set. 2024.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

RAMOS, D. O. **Violencia y el campo de la Comunicación**: posibles aproximaciones. In Percastre-Mendizábal, S. (2023). Comunicación, política y sociedad. Estudios y reflexiones contemporáneas. Red Iberoamericana de Investigación en Comunicación, Política y Sociedad (RIICOPS), Universidad de Chile y Universidad Autónoma de Baja California, 101-113. <https://doi.org/10.34720/5fjs-8k29>. Acesso em 31 mai. 2024

RAMOS, D. O. & SAAD, E. **A violência cultural contra jornalistas no Brasil**: uma proposta de tipologia e análise do período 2020-2021, Anais. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2022. Disponível em <https://proceedings.science/compos/compos-2022/papers/a-violencia-cultural-contra-jornalistas-no-brasil--uma-proposta-de-tipologia-e-analise-do-periodo> . Acesso em: 18 mai. 2024.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida Marcos Pereira Feitosa André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, 2º reimp, 2014.

UNESCO. **Violência online contra mulheres jornalistas**: Um Quadro Mundial de Incidência e Impactos. UNESCO, 2020. Disponível em [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000375136\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000375136_por). Acesso em 18 maio 2024

---

VOCES DEL SUR. **La Prensa Latinoamericana Bajo Ataque:** Violencia, Impunidad Y Exilio - Informe Sombra. Voces Del Sur, 2023. Disponível em [https://vocesdelsurunidas.org/wp-content/uploads/2024/05/VDS\\_Informe-Sombra-2023-Final.1.pdf](https://vocesdelsurunidas.org/wp-content/uploads/2024/05/VDS_Informe-Sombra-2023-Final.1.pdf). Acesso em 8 maio 2024